

# “O CASAMENTO DA VOVÓ”: UMA CANÇÃO POMERANA EMIGRANTE

**Danilo Kuhn da Silva<sup>1</sup>**

## **Introdução**

O presente artigo tem sua gênese na cultura pomerana do interior do município de São Lourenço do Sul, região sul do Rio Grande do Sul. A canção tradicional *De múta éna hóchtich* (“O casamento da vovó”) foi coletada no ano de 2008 através do senhor Leopoldo Klug (*in memoriam*), por demanda do projeto da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de São Lourenço do Sul intitulado *Canto Coral nas Escolas* (2007-2010), que visava estimular a prática do canto coral, tradicional no interior do município, no contexto escolar. Porém, apenas recentemente, através do *Projeto Pomerando*, pôde-se transcrever a letra da canção e analisar o seu conteúdo.

Neste artigo, primeiramente, apresenta-se, em linhas gerais, o *Projeto Pomerando*, precursor de pesquisas sobre a cultura pomerana; a seguir, pincelam-se aspectos históricos acerca dos pomeranos e da emigração pomerana; posteriormente, tecem-se algumas características gerais da música pomerana nesta comunidade específica do sul do Rio Grande do Sul e apresenta-se também a canção tradicional pomerana *De múta éna hóchtich* (“O Casamento da Vovó”); e, finalmente, abordam-se aspectos da emigração e da cultura pomerana a partir de referências encontradas na letra da canção em questão.

Este artigo anseia também por projetar-se como um trabalho de salvaguarda memorial e cultural, pois esta região é escassa em manifestações musicais pomeranas. Abordar elementos históricos e culturais cristalizados nas letras de canções tradicionais, bem como em outras manifestações culturais pomeranas, faz-se importante para que esta cultura que ainda se preserva na região sul do Rio Grande do Sul, e seus ecos, através da memória da comunidade, não se perca no tempo-espaço sem que se percebam as inter-relações entre a comunidade e sua própria memória e história através da cultura.

## **Projeto Pomerando: uma introdução à escrita, uma (re)valorização da cultura**

O *Projeto Pomerando* é desenvolvido desde 2010 junto aos alunos e professores e comunidade escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Germano Hübner, localizada na zona rural do município de São Lourenço do Sul, e visa incentivar a escrita da língua pomerana partindo de uma *padronização simplificada da escrita* –

---

<sup>1</sup> Doutorando em Memória e Patrimônio pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista Capes. Mestre em Música pela Universidade Federal do Paraná. Graduado em Artes, Professor de Música. E-Mail: <danilokuhn@yahoo.com.br>.

haja vista que se trata de uma língua transmitida e utilizada apenas oralmente na comunidade –, bem como coletar músicas, histórias e brincadeiras tradicionais<sup>2</sup>. Segundo a linguista Neubiana Beilke, parceira do projeto, trata-se de uma *transliteração* dos sons da língua pomerana para a grafia do português, língua na qual os alunos são alfabetizados e da qual dominam a ortografia:

*Definimos aqui que transcrição se refere a escrever uma língua seguindo o vínculo existente entre os sons e as formas gráficas já convencionadas para a língua padrão de origem ou a língua viva mais próxima da variedade que se quer registrar. Já a transliteração seria o “convencionamento” de formas gráficas que partem da língua do registrante, do proponente da forma escrita, ou da língua majoritária em contato com a variedade ágrafa minoritária a ser registrada. Na transliteração entendemos que os sons vão ser grafados conforme interpretação dos sons pelo ouvinte, com base no código linguístico que ele conhece, com base numa convenção prévia que ele já tem internalizada. Assim, aquele que translitera vincula os sons a determinadas formas gráficas pelas quais fora alfabetizado.*<sup>3</sup>

Durante algumas das minhas aulas de Educação Artística nas turmas de 6º à 9º ano, instigava os alunos a traduzir palavras do português para o pomerano, com prévia organização – eram aulas temáticas, de acordo com as turmas: com as turmas de 6º ano, trabalhava vocabulário simples, como por exemplo, nomes de frutas, ou cores, ou números; com as turmas de 7º e 8º ano, trabalhava vocabulário mais amplo, como adjetivos, substantivos, pronomes; e com as turmas de 9º ano, trabalhava conjugações verbais. A partir disto, e sempre levando em consideração a *padronização simplificada da escrita*, os alunos faziam trabalhos, como confecção de cartazes, feitura de frases, jogos, esquetes teatrais, letras de música, etc. Havia também a revisão das professoras colaboradoras, que em reuniões discutiam a correta pronúncia de uma ou outra palavra, trocavam ideias, sugeriam atividades. Os resultados destes primeiros dois anos de trabalho foram registrados em um livro,

---

<sup>2</sup> Trata-se de um trabalho que lentamente tomou forma, sob minha coordenação, primeiramente com a participação dos alunos de 6º a 9º ano da escola Germano Hübner, que em sua maioria dominam o pomerano falado, e posteriormente com a colaboração da professora Olívia Tessmann e a ajuda das professoras Ilaine Michaelis, Nilda Christmann e Lóia Nörnberg, que também são fluentes nesta língua e se mostraram entusiastas desta causa, além do envolvimento de funcionários da escola e de parentes e amigos dos alunos, que se envolvem e se sentem envolvidos pelo projeto. As pessoas desta comunidade se ressentem de valorização, muitas vezes sentem-se vítimas de preconceito por parte das pessoas da zona urbana – ou até mesmo por parte de algumas pessoas de ascendência alemã no próprio âmbito rural, as quais tratam quem fala “apenas” o pomerano, e não o “alemão-padrão”, como inferiores, menos cultos –, e mostram-se receptivos às ações de (re)valorização cultural.

<sup>3</sup> BEILKE, Neubiana Silva Veloso. “Ach Já! Fraseologismos em pomerano e em alemão”. *Domínios de lingu@gem*, vol. 8, n. 2, 2014, p. 189.

intitulado *Projeto Pomerando: Língua Pomerana na escola Germano Hübner*<sup>4</sup>, publicação que se intenciona fazer periodicamente.

No ano de 2013, o *Projeto Pomerando* ampliou-se no sentido de coletar músicas, contos e brincadeiras pomeranas, ampliação proporcionada pela já referida *padronização simplificada da escrita*. A partir de então, passou-se a pedir-se aos alunos que trouxessem músicas ou contos ou brincadeiras em pomerano, registradas por eles, de acordo com a proposta de escrita, as quais eram revisadas em sala de aula.

Já no ano de 2014, o projeto ganhou apoio do programa federal *Mais Cultura nas Escolas*, ampliando as possibilidades de coleta, catalogação e análise de manifestações culturais pomeranas, as quais foram registradas em um CD<sup>5</sup> e divulgadas em apresentações para a comunidade. Atualmente, como não atuo mais como professor na escola Germano Hübner, o trabalho, em âmbito escolar, vem sendo realizado pela professora Olívia Tessmann, sob minha coordenação, onde a mesma organiza grupos de alunos interessados na língua e na cultura pomerana em turno inverso às aulas (atrelado ao programa federal *Mais Educação*), desenvolvendo atividades similares às citadas acima e, também, utilizando canções, contos e brincadeiras pomeranas, i.e., o material que o projeto vem coletando, como material de estudo. Fazem-se periodicamente visitas a casas de alunos para coletarem-se manifestações culturais. As próprias apresentações do material registrado no CD do projeto, em festividades escolares, são ações do *Pomerando*, quando uma *bandinha*<sup>6</sup>, o *Musical Boa Esperança*, parceira do projeto, com minha participação ao *bandoneon*<sup>7</sup>, executa o repertório pomerano contido no CD.

Com tudo isto, intenta-se envolver a comunidade escolar no desenvolvimento do projeto e consigo mesma, pois se trata do estudo e da (re)valorização da sua própria cultura. O retorno de seus esforços na forma de livro e CD estimula a comunidade a colaborar, e a reconhecer-se importante. Para o ano de 2015, além da edição do segundo livro do projeto (pretende-se acrescentar, além de novas palavras ao vocabulário e novos verbos e suas conjugações, a construção de frases, análises gramaticais das mesmas, letras de músicas, contos e brincadeiras em pomerano coletadas junto à comunidade, e também parte da produção textual dos próprios alunos neste período), estão previstas outras ações, como registro e análise de outras manifestações culturais que envolvam a música e/ou outros elementos tradicionais (casamentos, velórios, folguedos, etc.).

---

<sup>4</sup> SILVA, Danilo Kuhn. *Projeto Pomerando: língua pomerana na Escola Germano Hübner*. São Lourenço do Sul: Ed. do Autor, 2012.

<sup>5</sup> SILVA, Danilo Kuhn. *Projeto Pomerando: músicas, contos e brincadeiras pomeranas*. São Lourenço do Sul: MinC, 2014.

<sup>6</sup> Como são conhecidos os conjuntos musicais de identificação germânica na região.

<sup>7</sup> Instrumento musical tradicional da música germânica na região, de origem alemã, porém, conhecido mundialmente devido ao seu *reuso* no *tango* argentino.

## ***Nas pegadas dos pomeranos***

A historiografia aponta a origem eslava<sup>8</sup> dos pomeranos, considerados, mais especificamente, descendentes do povo *wende*<sup>9</sup>. O nome da região da Pomerânia – em alemão, *Pommern* – provém do eslavo *Po-Morje*, que significa *terra ao longo do mar*<sup>10</sup>. O processo de cristianização<sup>11</sup> dos pomeranos<sup>12</sup> teve início com as viagens missionárias do prelado Otto de Bamberg em 1124 e 1128, e o processo de germanização<sup>13</sup>, para além dos assentamentos de populações germânicas na região – que era de baixa densidade demográfica – oriundos da cristianização e da abertura das fronteiras pomeranas para o comércio e para a cultura germânica que disto resultou<sup>14</sup>, se acirra a partir de 1400 em virtude da oficialização da língua alemã na região da Pomerânia, uma região de amplas e férteis planícies na costa do mar Báltico, pertencente hoje uma parte à Alemanha e outra à Polónia, e que passou por constantes invasões e disputas de território.

Hammes<sup>15</sup> e Maltzahn<sup>16</sup> destacam que, desde o período das migrações dos povos, mais precisamente desde o século VII, quando os *wenden* migram para a região da Pomerânia, muitas guerras se sucederam ali, fustigando o povo pomerano. Cedo a Pomerânia despertou o interesse de povos *vikings*, noruegueses e dinamarqueses, que a ameaçavam pelo mar Báltico, ao norte. Os poloneses, vindos do sul ávidos por uma saída para o mar Báltico, chegaram a dominar por três vezes parte do território pomerano. Entre os anos de 768 e 814, Carlos Magno, e entre 936 e 973, Otto, o Grande, tentaram, sem êxito, anexar estas terras ao então Sacro Império Romano-Germânico. Entre os séculos X e XI, Dinamarca e Polónia lutaram pelo domínio da Pomerânia, arrasando parte daquelas terras. Em 1630, a Suécia, por seu turno, invadiu a Pomerânia. Entre 1655 e 1660, suecos e poloneses travaram disputa por território, em solo pomerano. Em 1720, praticamente todo o território pomerano passou a pertencer a Brandemburgo-Prússia. Entre 1756 e 1763 o rei da Prússia, Frederico, o Grande, enfrentou russos e suecos, vencendo-os e empenhando-se, após esta conquista, para recolonizar e reconstruir a Pomerânia. Entretanto, em 1806,

---

<sup>8</sup> WILLE, Leopoldo. *Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul: trajetória, mitos, cultura*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 16.

<sup>9</sup> COSTA, Jairo Scholl. *O Pescador de Arenques*. Pelotas: EDUCAT, 2007, p. 36.

<sup>10</sup> SALAMONI, Giancarla (org.). *Os pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Universitária, 1995, p. 17.

<sup>11</sup> SEIBEL, Ivan. *O imigrante no século do isolamento: 1870-1970*. São Leopoldo: Traço, 2010, p. 70.

<sup>12</sup> De acordo com o pesquisador Paulo César Maltzahn, os pomeranos acreditavam em deuses que se manifestavam na natureza (animismo). Além dos deuses maiores – o maior Deus dos pomeranos era Triglaw, cujo templo se situava na cidade de Stettin –, havia também deuses menores que eram adorados através de animais, árvores, matas, riachos e lagos existentes na Pomerânia. MALTZAHN, Paulo César. *A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul* (década de 1980 até os dias atuais). 2011. 335 f. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011, p. 84.

<sup>13</sup> SEIBEL, *O imigrante no século...*, p. 70.

<sup>14</sup> MALTZAHN, *A construção da identidade...*, p. 85.

<sup>15</sup> HAMMES, Edilberto Luiz. *São Lourenço do Sul: radiografia de um município – das origens ao ano 2000 – vol. 1*. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010, p. 178-186.

<sup>16</sup> MALTZAHN, *A construção da identidade...*, p. 83-90.

Napoleão Bonaparte passou pela Pomerânia em direção à Rússia, deixando um rastro de destruição. No ano de 1815, no Congresso de Viena, as grandes potências europeias redesenharam o mapa europeu e, entre outras decisões, a Suécia teve que entregar as últimas possessões na Pomerânia Ocidental à Prússia. Em 1817 surgiu, então, a Província Pomerana da Prússia que, na unificação alemã em 1871, foi anexada ao Império Alemão. Em 1914 explode a I Guerra Mundial e, após seu término, conforme o Tratado de Versalhes no ano de 1919, a Alemanha perde a maior parte da Província Pomerana da Prússia Ocidental (“Pomerânia Oriental”) para a Polônia, que finalmente consegue o tão almejado acesso ao mar Báltico. Em 1939 tem início a II Guerra Mundial e, poucos meses antes de seu fim, o Exército Vermelho da União Soviética invadiu a “Pomerânia Oriental” e muitas cidades foram destruídas, entre elas, Pyritz e Kolberg, que praticamente desapareceram do mapa. Por fim, o desfecho da II Guerra impôs ao povo pomerano derradeira diáspora, forçando-o a migrar para a Alemanha Ocidental, Europa e restante do mundo, em razão da Conferência de Potsdam, que permitiu aos soviéticos e aos poloneses a expulsão a população civil de “origem alemã” que habitava ao leste dos rios Oder e Neisse.

A emigração pomerana para o Brasil inicia-se em meados do século XIX<sup>17</sup>. A Pomerânia era, neste momento histórico, uma província da Prússia e, portanto, fazia parte da Confederação Alemã. Nesta época, muitos pomeranos emigraram para o sul do Brasil. A vinda destes imigrantes (e dos demais imigrantes europeus neste período) está estritamente vinculada à abolição do sistema feudal (servidão da gleba) no começo do século XIX na Prússia. Nesta região, houve uma reforma agrária<sup>18</sup>, mas como não foram dados aos ex-servos os meios de produção necessários, os ex-senhores feudais readquiriram em pouco tempo a terra, aumentando assim seus latifúndios. Na prática, a estrutura socioeconômica pouco mudara, pois a nobreza continuava como detentora da maior parte das terras e do controle dos meios de produção. As transformações sociais desse fato incidiram preponderantemente na vida dos camponeses (pequenos proprietários de terras) da Pomerânia, que iam se tornando agregados (jornaleiros) da aristocracia rural (*Junkers* – grandes proprietários de terras)<sup>19</sup>. Em outras palavras<sup>20</sup>, o desequilíbrio entre a demanda e a oferta de trabalho na Europa, agravado pelo aumento demográfico, condicionou muitas pessoas à busca de soluções através da migração, primeiramente em termos europeus, dentro ou fora de seu país. Porém, como estes países não tinham capacidade de absorver o elemento flutuante e pendular, a solução encontrada foi a

---

<sup>17</sup> LANDO, M.; BARROS, E. C. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul – uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976, p. 9.

<sup>18</sup> Conforme lei promulgada pelo rei Frederico Guilherme III da Prússia, os ex-servos precisavam pagar com dinheiro ou entregar parte da gleba recebida para se tornarem proprietários. Além disso, mediante o estabelecimento de um imposto à população, os mais pobres deveriam entregar ao Estado “[...] um Groschen por mês, ou seja, o valor equivalente a três dias de trabalho”. Finalmente, a mecanização da lavoura fez com que muitos jornaleiros (agregados) perderam seu trabalho no campo. COSTA, O Pescador..., p. 24.

<sup>19</sup> MALTZAHN, *A construção da identidade...*, p. 90.

<sup>20</sup> FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1983, p. 86.

emigração para a América, um continente à espera de povoamento para desbravar selva e terras devolutas.

A emigração pomerana para o Brasil foi favorecida também pela propaganda feita na Europa, que mostrava o Brasil como uma terra capaz de proporcionar ao imigrante uma vida tranquila e próspera. Para os camponeses, que viviam excluídos social e economicamente, isto é, quase no limite da sobrevivência, a emigração era o que precisavam no momento<sup>21</sup>. Segundo o pesquisador pomerano Klaus Granzow, havia incentivo à emigração pomerana para o Brasil na própria Pomerânia, onde o general prussiano Johann Jakob Sturz teria afirmado:

*O Brasil possui muitas riquezas e oferece inúmeras oportunidades para quem quiser progredir e viver de uma forma feliz aqui na Terra, bem mais do que qualquer outro país do mundo possa oferecer e proporcionou aos colonizadores um bom desenvolvimento.*<sup>22</sup>

Quanto a este processo, do ponto de vista brasileiro, segundo Podewils, “o país começava a se desenvolver neste momento, porém a densidade demográfica era baixa, fator que levou ao investimento nessa forma de imigração”<sup>23</sup>. De acordo com Seyferth, os problemas de abastecimento oriundos da transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808 e a dificuldade de se promover uma nova migração açoriana (como a que ocorreu na segunda metade do século XVIII) influenciaram a decisão de permitir a entrada de colonos imigrantes europeus<sup>24</sup>. Segundo Granzow, o então imperador do Brasil, D. Pedro I, ao casar-se com a princesa Leopoldina, da Casa dos Habsburgos e arquiduquesa austríaca, deu preferência, ainda na primeira metade do século XIX, à imigração de colonos provenientes da Alemanha e da Áustria, mas também por se mostrarem “bons trabalhadores e colonizadores”<sup>25</sup>. A regulamentação da Lei de Terras, lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, abriu espaço para a colonização das terras públicas brasileiras<sup>26</sup>. De acordo com Salamoni e Waskiewicz<sup>27</sup>, neste momento a colonização passa a ser incentivada pelo Governo Geral, o qual cede certa quantidade de terras com o fim de formarem-se colônias agrícolas. A colonização vinculada à imigração estava relacionada, ainda, segundo Seyferth, “à necessidade de povoamento do

---

<sup>21</sup> MALTZAHN, A *construção da identidade...*, p. 90.

<sup>21</sup> MALTZAHN, A *construção da identidade...*, p. 90.

<sup>22</sup> GRANZOW, Klaus. *Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009, p. 121.

<sup>23</sup> PODEWILS, Denise Oswaldt. *Colonização germânica: a colônia de São Lourenço e suas particularidades*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2011, p. 9.

<sup>24</sup> SEYFERTH, Giralda. “Prefácio”. In: BAHIA, Joana. *O tiro da Bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 7.

<sup>25</sup> GRANZOW, *Pomeranos sob o Cruzeiro...*, p. 166.

<sup>26</sup> SEYFERTH, “Prefácio”, p. 10.

<sup>27</sup> SALAMONI, Giancarla & WASKIEWICZ, Carmen Aparecida. “Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza”. *Tessituras*, Pelotas, vol. 1, n. 1, jul./dez. 2013, p. 78.

território brasileiro como forma de resolver a questão indígena<sup>28</sup>, consolidar as fronteiras internacionais e implantar um modelo de agricultura diferenciada da grande propriedade monocultora<sup>29</sup>.

Quanto ao Rio Grande do Sul<sup>30</sup>, de acordo com Podewils<sup>31</sup>, prevaleceu a colonização oficial, organizada pelo governo, e que instalou importantes núcleos coloniais baseados na pequena propriedade em distintas áreas desocupadas do Estado. Em princípio, segundo Salamoni e Waskiewicz<sup>32</sup>, essa ação do governo não foi bem vista pelos latifundiários, porém muitos destes proprietários de terras aderiram à política de colonização, parcelando porções das propriedades que não eram propícias ao desenvolvimento da pecuária, ou seja, as áreas de matas e de relevo mais íngreme. Na perspectiva de Grandó, os estancieiros-charqueadores viram neste processo de colonização mais uma oportunidade de enriquecimento, participando diretamente da especulação fundiária, pois “apossavam-se das terras de mato contíguas as suas propriedades e transformavam-nas em colônias a serem vendidas aos imigrantes, retendo para si, todavia, as terras planas. O sistema de colonização privada juntou-se, assim, à colonização oficial”<sup>33</sup>. Assim, em alguns casos, a colonização também esteve amparada em iniciativas particulares, ainda que os governos imperial e provincial tivessem o controle oficial sobre o processo de instalação de colônias, com base na imigração europeia não portuguesa. Portanto, a colonização de iniciativa privada, organizada por empresários particulares, em parceria com latifundiários, também buscava angariar trabalhadores rurais para fixá-los à terra com o propósito de formar colônias para produzir alimentos<sup>34</sup>.

Quanto à região sul do Rio Grande do Sul, o grande impulso à mesma se deu em 1858<sup>35</sup>, por ocasião da criação da colônia particular São Lourenço<sup>36</sup>, uma colônia

---

<sup>28</sup> Segundo Seyferth, a colonização estrangeira era vista como um tipo de “processo civilizador” que poderia pacificar os índios e transformá-los em mão de obra útil. SEYFERTH, “Prefácio”, p. 8.

<sup>29</sup> SEYFERTH, “Prefácio”, p. 7.

<sup>30</sup> A imigração germânica no Rio Grande do Sul teve início em 1824, por ocasião da Colônia São Leopoldo. Cf.: WILLEMS, Emílio. *A aculturação de alemães no Brasil: estudo antropológico*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p. 71.

<sup>31</sup> PODEWILS, *Colonização germânica...*, p. 6.

<sup>32</sup> SALAMONI & WASKIEWICZ, “Serra dos Tapes...”, p. 78-79.

<sup>33</sup> GRANDÓ, Marinés Zandavali. *Pequena Agricultura em Crise: o caso da colônia francesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1989, p. 18.

<sup>34</sup> A ação de um empresário alemão, Jacob Rheingantz, e a contribuição de seu sócio na empresa colonizadora, José Antônio de Oliveira Guimarães (fazendeiro de origem luso-brasileira estabelecido na região), foram fundamentais para o agenciamento da vinda dos imigrantes e sua fixação nas terras da Serra dos Tapes. Ver: COARACY, Vivaldo. *A Colônia São Lourenço e o seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1957, p. 23. Rheingantz adquiriu “8 léguas de terras devolutas, à razão de ½ real por braça quadrada, com a obrigação de medi-las dentro de 5 anos e povoá-las com colonos agricultores alemães, suíços ou belgas. O seu número não deveria ser inferior a 1440 almas”. Cf.: RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. *Colônia de São Lourenço: história de sua fundação por Jacob Rheingantz*. Rio Grande: Oficina da Livraria Americana, 1907, p. 8.

<sup>35</sup> No entanto, anteriormente a esta data já havia organização colonial na região, como aponta o pesquisador Fábio Vergara Cerqueira: “Em meados do século, com a retomada do desenvolvimento econômico que se seguiu ao fim da Revolução Farroupilha, surgiu uma nova frente de investimentos: a criação de colônias por particulares. Em 1849, foi criada a Associação Auxiliadora da Colonização, baseada em capital de empresários da região, que tinha como objetivo a criação das colônias, que

agrícola instalada na Serra dos Tapes, em terras do município de Pelotas – área que hoje se encontra no município de São Lourenço do Sul (fundado no ano de 1884) –, composta majoritariamente por imigrantes pomeranos<sup>37</sup>. De acordo com Schröder, a maioria pomerana deveu-se à sua capacidade agrícola: “Após a chegada de mais de 115 pessoas no ano de 1858, os anos posteriores trouxeram elementos mais apropriados: trabalhadores rurais da Pomerânia”<sup>38</sup>.

### ***Uma canção tradicional pomerana na região sul do Rio Grande do Sul***

Ainda que as pessoas de origem pomerana do interior do município de São Lourenço do Sul sejam bastante próximas à música, tendo em vista sua massiva participação em corais de igreja e o elevado número de conjuntos musicais na região, não são muitas as músicas em pomerano que sejam de conhecimento da comunidade nos tempos atuais. Em sua maioria, são consideradas de origem exclusivamente alemã algumas músicas instrumentais e, quanto às canções, a maior parte delas parte é cantada em alemão. Segundo Thum, a cultura pomerana na região sul do Rio Grande do Sul é vítima de um silenciamento por parte de instituições como igrejas e escolas: “Há uma cultura do silêncio, para não se ter a cultura pomerana como algo de valor, que mereça reconhecimento”<sup>39</sup>. De acordo com o pesquisador:

*Em relativo grau, ser pomerano na Serra dos Tapes [sul do RS] é ser formado por perspectivas negligenciadoras das tradições pomeranas, é ser silenciado pela estrutura ideológica das instituições escolares e sinodais.*<sup>40</sup>

Neste sentido, o *Projeto Pomerando*, desenvolvido na escola Germano Hübner e precursor deste artigo, tem papel de “dar voz” à cultura pomerana. A História Oral, referente à oralidade da cultura pomerana, se revela importante instrumento:

*Com frequência se diz que, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há*

---

surgiram em grande número. Entre as primeiras colônias criadas em Pelotas, destacaram-se a Dom Pedro II (1849), Nova Cambridge (1850) e a colônia de Monte Bonito (1850), as duas primeiras formadas por colonos ingleses (entre os quais alguns provindos do País de Gales), a última por irlandeses e a primeira leva de alemães prussianos”. CERQUEIRA, Fábio Vergara. “Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais”. In: *Anais do IV SIMP*. Memória, Patrimônio e Tradição. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da Universidade Federal de Pelotas, 2010, v. 1, p. 874.

<sup>36</sup> PODEWILS, *Colonização germânica...*, p. 7.

<sup>37</sup> PODEWILS, *Colonização germânica...*, p. 15.

<sup>38</sup> SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. 2. ed. São Leopoldo: Editora da Unisinos; Porto Alegre: EdPUC-RS, 2003, p. 123.

<sup>39</sup> THUM, Carmo. *Educação, história e memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo, 2009, p. 182.

<sup>40</sup> THUM, *Educação, história...*, p. 327.

*ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra.*<sup>41</sup>

Somam-se a isto as palavras de Meihy, que considera que seria papel da História Oral “captar as vozes ocultas [silenciadas] pelo saber oficializado”: “O uso da História Oral, portanto, deveria ser aplicado onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes”<sup>42</sup>. Desta forma, o presente trabalho intenta proceder conquanto a memória, a história e a cultura pomerana.

É importante recordar que a letra da canção estudada no presente trabalho foi transcrita em pomerano de acordo com a *padronização simplificada da escrita*<sup>43</sup> proposta através *Projeto Pomerando* e que, para a comunidade em questão, esta é uma língua ágrafa, i.e., sem escrita<sup>44</sup>, muito embora haja, em outras comunidades no Brasil, trabalhos voltados para o desenvolvimento da escrita do pomerano, como o de Ismael Tressmann, do estado do Espírito Santo, que elaborou o *Dicionário enciclopédico pomerano-português*<sup>45</sup>. No entanto, haja vista algumas dificuldades de apreensão da escrita de Tressmann por parte dos alunos, pois há certa distância entre o som falado e o escrito, julgou-se necessário propor uma padronização simplificada, visando uma mais rápida e fácil assimilação. Para exemplificar a diferença entre as propostas de escrita, enquanto em Tressmann *preto* se escreve *sward*<sup>46</sup> e *porco* se escreve *swijr*<sup>47</sup>, em Silva se escrevem *schuát*<sup>48</sup> e *schuíá*<sup>49</sup> respectivamente, aproximando-se graficamente do som das palavras, tornando-se mais simples o aprendizado da escrita. Ademais, há diferenças na pronúncia de várias palavras, mesmo entre alunos da mesma sala de aula, dependendo da região de onde provêm e de suas famílias. Por este motivo, uma proposta de escrita *regional e simples* é importante, para atender às especificidades da comunidade pomerana da região sul do Rio Grande do Sul no tocante às diferenças de pronúncia e à facilitação da aprendizagem. Convém aqui salientar que os pomeranos da região sul do Rio Grande do Sul se caracterizam por camponeses, de origem simples, e, para eles, o mais importante e urgente é o registro de sua cultura, não muito importando formas eruditas de escrita advindas da linguística acadêmica. Para tanto, uma escrita que leve em consideração os regionalismos, que seja simples e de fácil assimilação, e que se baseie na oralidade, mostra-se apropriada.

---

<sup>41</sup> PORTELLI, Alessandro. “História oral e poder”. *Mnemosine*, vol. 6, n. 2, 2010, p. 3.

<sup>42</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro”. *Revista de História*, n. 155, 2006, p. 197.

<sup>43</sup> SILVA, *Projeto Pomerando: língua pomerana...*, p. 17-19.

<sup>44</sup> O pomerano é utilizado na região apenas oralmente, o que dificulta a preservação de letras de canções e contribuiu para que, hoje em dia, sejam poucas as canções pomeranas que ainda têm lugar na memória da comunidade.

<sup>45</sup> TRESSMANN, Ismael. *Dicionário enciclopédico: pomerano e português*. Santa Maria de Jetibá: SEC, 2006.

<sup>46</sup> TRESSMANN, *Dicionário enciclopédico...*, p. 471.

<sup>47</sup> TRESSMANN, *Dicionário enciclopédico...*, p. 472.

<sup>48</sup> SILVA, *Projeto Pomerando: língua pomerana...*, p. 30.

<sup>49</sup> SILVA, *Projeto Pomerando: língua pomerana...*, p. 26.

A partir da convenção da escrita do pomerano, o trabalho de coleta, análise e divulgação de canções (e contos e brincadeiras) tradicionais pomeranas tornou-se viável e, desde 2013, vem sendo ampliado. Para exemplificar este trabalho, apresenta-se a seguir a canção tradicional pomerana *De múta éna hóchtich* (“O casamento da vovó”), a qual reúne as seguintes características musicais gerais:

- Andamento rápido, 100 bmp;
- Compasso binário,  $\frac{2}{4}$ , uma polca<sup>50</sup>, vulgarmente conhecida como “marchinha”, ritmo oriundo da cultura alemã, o que evidencia a secular germanização dos pomeranos;
- Ritmo de caráter marcial, duro, sem sínopes, com predominância de colcheias, semínimas, e da figura colcheia pontuada com semicolcheia;
- Melodia estritamente tonal, passeando em arpejos sobre os acordes de tônica e de dominante com sétima, com algumas notas de passagem, e repetições rítmicas de notas;
- Tonalidade maior, com modulações;
- Harmonia tonal, com a utilização apenas da tônica e da dominante com sétima (I – V<sup>7</sup>), mesmo nas modulações;
- Apresenta duas modulações: a primeira, do tom original Dó maior para a subdominante Fá maior; e a segunda, quando ocorre o retorno de Fá maior para Dó maior;
- Forma ternária, i.e., possui três seções musicais.

A Figura 1 apresenta a partitura de *De múta éna hóchtich*, com melodia, harmonia e letra:

---

<sup>50</sup> Segundo o *The Concise Oxford Dictionary of Music*, a polca caracteriza-se por ser uma dança, ou uma canção, originária da região da Bohemia, na Alemanha, no início do século XIX, realizada em compasso 2/4 e com andamento rápido, que foi muito popular nos salões europeus. Ver: *The Concise Oxford Dictionary of Music*. Oxford: The Oxford University Press, 2007, versão *online*. Disponível em: <<http://oxfordindex.oup.com/>>. Acesso em: 02 jun. 2013. Já o *Dicionário Grove de Música*, em sua edição concisa, acrescenta que a polca é uma dança animada e que geralmente a música é estruturada em forma ternária, i.e., tem três seções, assim como a canção abordada no presente trabalho. Ver: *Dicionário Grove de Música*: edição concisa. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 732.

# De múta éna hóchtich

(canção tradicional pomerana)

100 bpm

The musical score is written in 2/4 time with a key signature of one flat (B-flat). It consists of five staves of music. The first staff starts with a treble clef and a common time signature (C). The second staff begins with a measure rest labeled '5'. The third staff starts with a measure rest labeled '10'. The fourth staff starts with a measure rest labeled '16'. The fifth staff starts with a measure rest labeled '21'. Chord symbols (C, G7, F, C7, F) are placed above the notes. The lyrics are written below the notes.

Záit mú - ta é - na hóch-tich héa iift dat kái-naschu - ín fláisch mēia. Záit

mú-ta é-na hóch-tich héa, iift dat kái-naschu - ín fláisch mēia. Áin, tuái, drái, fáia,

fiif, zés, zuó-van, vòu-a is min fruch dóa bléva, is ni hí-a, is ni dó-a, is fon Nort A-

mé-ri-ka. Fí-dal, fi-dal, fúm-balsch-tái - a, hést dúu doch min brut ni zái-a?

Íis - tan záits im brái - rasch - tái - a.hit hef ni mēi - a zí - tan zái - a.

Fig. 1 - partitura da canção *De múta éna hóchtich*.

A Figura 2 apresenta a letra da canção em pomerano e sua respectiva tradução para o português:

### De Muta éna hóchtich

Záit múta éna hóchtich héa  
líft dat káina schuíñ fláisch méia.

Áin, tuái, drái, fáia, fiiv, zés, zuóvan,  
vôua is min brut dóa bléva?  
Is nich hía, is nich dóa,  
is fon Nort Amérika.

Fídal, fídal, fúmbal shtáia,  
hést dúu doch min brut ni záia?  
Ílistan záits im bráira shtáia,  
hit hef ni méia zítan záia.

### O casamento da vovó

Desde o casamento da vovó  
não dá mais carne de porco.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete,  
onde está minha namorada?  
Não está aqui, não está ali,  
ela é dos Estados Unidos.

Violino, violino, pedra de breu,  
você não viu minha namorada?  
Ontem estava sentada na pedra larga,  
hoje não mais a vi sentada.

**Fig. 2** – Letra da canção *De múta éna hóchtich* em pomerano e tradução.

A canção tem certo caráter alegre, festivo, ambientado pelo “casamento da vovó”, embora o eu-lírico esteja à procura de sua namorada.

A estrutura melódica apresenta uma quadratura padrão. São três pequenas seções: a primeira em Dó maior, a segunda em Fá maior, e a terceira em Dó maior novamente. As seções estão organizadas de acordo com as estrofes, sendo que a primeira estrofe tem apenas dois versos, enquanto a segunda e a terceira estrofes têm quatro versos, o que influencia no tamanho das seções.

Quanto à letra, está dividida em três estrofes, a primeira de dois versos, e a segunda e a terceira, de quatro versos. Há rima entre os dois versos da primeira estrofe, e também entre os quatro versos da terceira estrofe, o que não ocorre de forma clara na segunda estrofe, apesar de o primeiro e o terceiro versos, assim como o segundo e o quarto, guardarem certa parecença sonora.

Cabe aqui salientar que letras de canções tradicionais são reveladoras de significados, de maneiras de como uma comunidade vê o mundo que ali ficam cristalizadas, das representações culturais intrínsecas, i.e., são uma forma de narrativa cultural da memória comunal. Se as canções têm letra, elas contam histórias, narram fatos, episódios, expressam ideias, revelam traços culturais, registram a memória da comunidade que a cria. De acordo com Jovchelovitch<sup>51</sup>, é pelo contar histórias que o conhecimento social se torna palpável, assim como as representações do passado e as apresentações da identidade, pois, com base em narrativas, as comunidades resgatam à memória o que aconteceu, dão sentido aos acontecimentos e constroem o individual e o social.

Uma canção tradicional pomerana pode revelar, portanto, aspectos históricos e culturais atrelados à memória e à identidade da comunidade em questão.

---

<sup>51</sup> JOVCHELOVITCH, Sandra. *Knowledge in context: representations, community, and culture*. Londres & Nova York: Routledge, 2007.

## **O casamento da vovó e a emigração pomerana**

Em seu romance histórico *O pescador de arenques*, o autor lourenciano Jairo Scholl Costa<sup>52</sup> narra a história de gerações de uma família pomerana, a qual aporta em São Lourenço do Sul. Um dos personagens, Armin Kreitlow, enfrenta problemas para manter a posse de suas terras, as quais pertenciam a um nobre, o senhor Baumann, e que ainda estavam sendo pagas até que um dia Armin não teve como pagar, obrigando-se a devolvê-las, sem compensação pelos valores já pagos, como previsto em contrato:

*Havia uma conjunção de fatores como péssimas colheitas, desemprego crescente, alta de preços, queda de salários e um medíocre desempenho do comércio, circunstâncias que levariam à depressão de 1846/47*<sup>53</sup>.

Em poucos dias, enrascado, Armin suicida-se, deixando a família apenas com uma casa e poucas perspectivas. Seus filhos, Rutger e Ernest, abatidos, encontram esperança em um folheto de publicidade de uma agência de imigração de Hamburgo, que falava que os Estados Unidos da América precisavam de imigrantes para colonizar terras em Wisconsin e Minnesota, e que “trazia informações de como um homem poderia ter rapidamente suas terras, fazer logo um ‘pé de meia’ e não estar subjugado a nenhum nobre ou grande proprietário”<sup>54</sup>. Entusiasmado, Rutger explica ao irmão:

*É uma terra de homens livres. Os Estados Unidos é uma república democrática. Lá, o valor está nas pessoas. Não interessam nomes de família, brasões ou país de origem. É uma terra de imigrantes. Todos são iguais. (...) Milhares de pessoas na Alemanha estão tomando este caminho.*<sup>55</sup>

Enredo à parte, o romance, historicamente fundamentado, com extensa bibliografia especializada, indica que, ainda na primeira metade do século XIX, antes de se iniciar a imigração pomerana para a região sul do Rio Grande do Sul – os primeiros pomeranos começaram a chegar à Colônia São Lourenço em 1858<sup>56</sup> –, já havia emigração pomerana para os Estados Unidos.

---

<sup>52</sup> COSTA, *O Pescador...*

<sup>53</sup> COSTA, *O Pescador...*, p. 57.

<sup>54</sup> COSTA, *O Pescador...*, p. 73.

<sup>55</sup> COSTA, *O Pescador...*, p. 74.

<sup>56</sup> PODEWILS, *Colonização germânica...*, p. 9.

Ao se referir aos primeiros imigrantes pomeranos que chegaram ao Espírito Santo, em 28 de junho de 1859, Ismael Tressmann<sup>57</sup> afirma que a grande maioria dos pomeranos, todavia, emigrou da Europa para os Estados Unidos e para a Austrália.

Leopoldo Wille<sup>58</sup>, por seu turno, refere-se à *Carta de Búfalo*, escrita em 1835 por G. Züngler da cidade de Búfalo, Estados Unidos, a qual se espalhou pela Europa provocando uma “febre de emigrar”. Dentre outras coisas, o texto exalta as oportunidades e possibilidades econômicas que oferece a nova pátria, a igualdade entre os cidadãos, além de motivos religiosos, como revela o trecho transcrito abaixo:

*Na América há espaço para milhões de pessoas. [...] As pessoas não precisam pagar impostos. [...] Não falta emprego para garantir o nosso sustento. [...] Todos vão assistir ao culto na igreja. [...] Títulos de nobreza, status e distinções não têm valor aqui. [...] Aqui é possível servir ao Senhor melhor que aí. A diarista vive melhor do que o agricultor proprietário de muita terra na Alemanha. Quem uma vez pisou no solo americano, sente-se como renascido.*<sup>59</sup>

Ainda de acordo com Wille<sup>60</sup>, no período de 1830 a 1890, emigraram para o Brasil cerca de trinta mil germânicos, enquanto que o fluxo dirigido para os Estados Unidos foi de trezentos e trinta e um mil no mesmo período.

Droogers<sup>61</sup>, ao também se referir a alguns imigrantes germânicos que podem ter tido motivação religiosa, por pertencerem a um movimento que se opunha à unificação da igreja prussiana na *Unierte Kirche*, cita Roelke, que afirma que em 1839 um grupo de quinhentos e setenta pomeranos havia emigrado para os Estados Unidos por motivos religiosos, “dando o exemplo”.

Isto posto, cito a segunda estrofe da letra da primeira canção pomerana apresentada neste artigo, *De múta éna hóchtich* (“O casamento da vovó”): “Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, onde está minha namorada? Não está aqui, não está ali, ela é dos Estados Unidos”. Como se trata de uma canção cujo aprendizado se dá oralmente de geração em geração, é de domínio público da comunidade e de autoria desconhecida, e como a emigração pomerana para os Estados Unidos é anterior à para o Brasil, é possível afirmar que, na narrativa da canção, o eu-lírico representa um pomerano emigrado para os Estados Unidos, onde se casou com uma mulher americana e, ao participarem de um casamento pomerano, provavelmente em sua terra natal, sua mulher some. Pode ser uma referência, do imaginário da comunidade refletido na canção, à diferença cultural entre os pomeranos e os americanos, um tipo de advertência aos rapazes pomeranos emigrados para que não se casem com

---

<sup>57</sup> TRESSMANN, Ismael. “O pomerano: uma língua baixosaxônica”. *Educação, Cultura e Sociedade – Revista da FARESE*, vol. 1, 2008, p. 11.

<sup>58</sup> WILLE, *Pomeranos no sul...*, p. 49-53.

<sup>59</sup> ZÜNGLER *apud* WILLE, *Pomeranos no sul...*, p. 50-53.

<sup>60</sup> WILLE, *Pomeranos no sul...*, p. 54.

<sup>61</sup> DROOGERS, André. “Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos na Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005)”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 1, 2008, p. 19.

mulheres de outra cultura, o que acarretaria em transtornos. A mulher americana, personagem da canção, por não pertencer à cultura pomerana, desaparecera do casamento por estranhamento cultural. Conforme Salamoni<sup>62</sup> e Bahia<sup>63</sup>, a endogamia, i.e., o casamento com pessoas de mesma origem étnica, é a prática mais comum entre os pomeranos. Há, inclusive, o seguinte dito popular, extraído de Bahia<sup>64</sup>: “O nosso sangue não combina! O que você quer fazer com os pretos (brasileiros), se aqui temos pomeranos suficientes!”.

Assim, as letras de canções herdadas de longa tradição podem cristalizar uma memória histórica ou cultural cuja informação de base não é mais compartilhada pelas pessoas que atualizam estas canções em suas performances. Elas provavelmente não sabem qual a razão dos Estados Unidos na canção – o senhor Leopoldo Klug (in memoriam), que me forneceu oralmente a canção, não sabia, tampouco as demais pessoas da comunidade com as quais conversei sobre o assunto. A letra da canção, neste caso, funciona quase como um objeto arqueológico, cujo sentido guardado na memória muitas vezes não pode ser decodificado por alguma forma de oralidade que não mantenha relação de memória transmitida com o acontecimento de base e origem. Memórias de longa duração se cristalizam em criações culturais em que a memória se objetiva, como num poema, num conto, ou numa canção, até que alguma conexão se restabeleça e a resignifique, fazendo com que aquele elemento seja destacado novamente, seja “decifrado”.

Há ainda outras duas representações culturais na letra desta canção que se poderia destacar. Uma está na primeira estrofe: “Desde o casamento da vovó não dá mais carne de porco”. É uma referência à fartura de comida que há tradicionalmente nos casamentos. Os festejos do casamento são considerados pelos pomeranos como a data mais importante no transcorrer da vida de uma pessoa<sup>65</sup>, chegando a contar com três dias de festa, e é quando eles mais dispõem de seus recursos econômicos<sup>66</sup>, para realizarem uma grande festa. A comilança<sup>67</sup> teria sido tamanha no casamento da vovó, que esgotara o estoque de carne de porco da comunidade. Aqui, fica evidente também a relação dos pomeranos com o seu habitat rural, reconhecendo a si mesmos como imigrantes camponeses<sup>68</sup>, intimamente relacionados com a criação de animais e com o consumo de seus produtos.

A outra representação cultural pomerana está na última estrofe: “Violino, violino, pedra de breu, você não viu minha namorada?”. Aparece aqui o violino, instrumento musical europeu utilizado pelos pomeranos na Pomerânia, absorvido da cultura

---

<sup>62</sup> SALAMONI, Giancarla (org.). *Os pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Ed. Universitária, 1995, p. 59-60.

<sup>63</sup> BAHIA, *O tiro da Bruxa...*, p. 97.

<sup>64</sup> BAHIA, *O tiro da Bruxa...*, p. 187.

<sup>65</sup> HAMMES, *São Lourenço...*, vol. 1, p. 200-203.

<sup>66</sup> BAHIA, *O tiro da Bruxa...*, p. 212.

<sup>67</sup> Em ditados pomeranos coletados por Roelke, há expressões de apetite e da comilança característicos das suas festas de casamento. ROELKE, Helmar Reinhard. *Descobrendo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*. Vitória: UFES/ Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996, p. 56.

<sup>68</sup> BAHIA, *O tiro da Bruxa...*, p. 47.

européia e trazido para o Brasil pelos emigrantes. Segundo Hammes<sup>69</sup>, até o início do século XX o violino ainda era presença marcante nos bailes de São Lourenço do Sul, tanto na cidade quanto no interior do município, além das casas de família. Hoje em dia, o violino não é mais muito utilizado na região, tendo perdido espaço para os instrumentos de sopro, como o trompete e o trombone, e instrumentos eletrônicos, como guitarra, contrabaixo e teclado, além de bateria, instrumentos característicos das *bandinhas*<sup>70</sup> atuais. Porém, na memória pomerana cristalizada na letra da canção, ainda soa o violino.

### **Considerações Finais**

Jovchelovitch<sup>71</sup> indica que é contando histórias que o conhecimento social se torna reconhecível, bem como as representações do passado e da identidade. É com base nas narrativas que as comunidades resgatam à memória o que aconteceu, estruturam a sua experiência temporalmente, dão sentido aos acontecimentos. As narrativas estão entrelaçadas com a construção e continuidade das comunidades, com a produção dos saberes compartilhados pelas pessoas. Possibilitam a reflexão sobre vida comunitária e a herança histórica. De acordo com Amon e Menasche, contar histórias é uma das formas pelas quais as comunidades compreendem seu passado, presente e futuro<sup>72</sup>. No contexto do presente trabalho, pode-se auferir que os pomeranos, portanto, narram-se a si mesmos através de sua cultura, suas tradições, sua música.

Quanto à identidade, pode-se observar um relativo consenso entre os pesquisadores em admitir que esta seja uma construção social, associada a uma relação dialógica com o *outro*<sup>73</sup>. Isto pode se manifestar na oposição entre etnias, como no caso dos pomeranos. Um consenso existe também em relação à memória, reconhecendo-se esta como uma “reconstrução continuamente atualizada do passado”<sup>74</sup>. Enfim, admite-se geralmente que memória e identidade estão indissolúvelmente ligadas, como sugere David Lowenthal<sup>75</sup>, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos, e nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças.

A memória é, então, “um elemento essencial para a manutenção da identidade coletiva”<sup>76</sup>. No presente trabalho, fica evidente que a memória cristalizada na letra da

---

<sup>69</sup> HAMMES, Edilberto Luiz. *São Lourenço do Sul: radiografia de um município – das origens ao ano 2000* – vol. 3. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010, p. 43.

<sup>70</sup> Como são vulgarmente conhecidos na região os grupos de música germânica. HAMMES, *São Lourenço...*, vol. 3, p. 54-55.

<sup>71</sup> JOVCHELOVITCH, *Knowledge in context...*

<sup>72</sup> AMON, Denise & MENASCHE, Renata. “Comida como narrativa da memória social”. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, vol. 11, n. 1, 2008, p. 20.

<sup>73</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012, p. 9.

<sup>74</sup> CANDAU, *Memória e identidade*, p. 9.

<sup>75</sup> LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, 1998, p. 63-201.

<sup>76</sup> BAYSDORF, Nataniel Coswig & RODRIGUES, Paulo Roberto Quintana. “A etnia pomerana no sul do Rio Grande do Sul: autonomia, identidade e as influências externas da globalização e sua preservação

canção pomerana auxilia a comunidade a preservar, de certa forma, elementos essenciais de sua identidade.

Finalmente, podemos considerar que comunidades são “redes de pessoas cujo sentido de identidade ou ligação deriva de uma relação historicamente partilhada que está enraizada na prática e transmissão”<sup>77</sup>. Em relação à transmissão cultural, de acordo com Woortmann e Woortmann<sup>78</sup>, é importante salientar que a mesma é mais que do que uma transmissão de técnicas, ela envolve valores, construção de papéis, envolve a manutenção da identidade étnica e social. E, no caso da canção pomerana estudada neste trabalho, ela transmite a cultura de seu povo, ela narra seu povo. Sim, os pomeranos narram-se a si mesmos através de sua música. Inclusive, a sua própria história.



---

através de feriados religiosos”. In: XVI CIC – Pesquisa e responsabilidade ambiental. *Anais*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2007, p. 4. Disponível em: <[http://www.ufpel.edu.br/cic/2007/cd/pdf/CH/CH\\_00235.pdf](http://www.ufpel.edu.br/cic/2007/cd/pdf/CH/CH_00235.pdf)>. Acesso em: 02 dez. 2012.

<sup>77</sup> UNESCO. *Report of the Expert Meeting on Community Involvement in Safeguarding Intangible Cultural Heritage: Towards the Implementation of the 2003 Convention*. Tóquio: UNESCO, 2006, p. 9. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00034-EN.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

<sup>78</sup> WOORTMANN, E. S.; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra*. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

## RESUMO

Este artigo apresenta e discute uma canção tradicional pomerana coletada no município de São Lourenço do Sul, região sul do Rio Grande do Sul, Brasil, sob a perspectiva da História, da História Oral e da Narrativa Cultural. Analisam-se aspectos históricos e culturais cristalizados na canção *De múta éna hóchtich* (“O casamento da vovó”), relacionando-os com a história da emigração europeia/ pomerana e com estudos etnográficos acerca dos pomeranos, com o objetivo de identificar maneiras pelas quais a comunidade em questão narra-se a si própria através da canção. Trata-se também de um trabalho de salvaguarda memorial e cultural, pois, ao se abordarem elementos históricos e culturais cristalizados nas letras de canções tradicionais – as quais se encontram em processo de esquecimento na região –, a cultura pomerana que ainda persiste na região sul do Rio Grande do Sul, e seus ecos, é salvaguardada, podendo-se perceber, via memória da comunidade, as inter-relações entre a mesma e sua própria memória e história através da cultura.

**Palavras Chave:** Emigração; Música; Pomeranos.

## ABSTRACT

This paper presents and discusses a Pomeranian traditional song collected in São Lourenço do Sul, southern Rio Grande do Sul, Brazil, from the perspective of History, Oral History and Cultural Narrative. It examines historical and cultural aspects crystallized in the song *De múta éna hóchtich* (“The Marriage Grandma’s”), relating them to the history of European/Pomeranian emigration and ethnographic studies about Pomeranians, with the goal of identifying ways the community in question narrates itself through song. It is also a work of memorial and cultural safeguard, as if to address historical and cultural elements crystallized in traditional songs lyrics – which are in process of forgetting in the region – the Pomeranian culture that still stands in the southern region of Rio Grande do Sul, and its echoes, is safeguarded and can be seen via community memory, the interrelationships between the one and its own memory and history through culture.

**Keywords:** Emigration; Music; Pomeranians.

Artigo recebido em 19 out. 2015.

Aprovado para publicação, após alterações solicitadas pelos pareceristas, em 13 nov. 2016.